



*GINÁSTICAS COMO CONTEÚDO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM
ESCOLAS MUNICIPAIS DE RIO GRANDE/RS*

Alessa Oliveira Jorge de Castro¹
Gustavo da Silva Freitas²

RESUMO: Este artigo tem como objetivo discutir os entendimentos que os professores de Educação Física atuantes em escolas municipais da cidade do Rio Grande/RS tem do que é a ginástica, além de analisar o que faz com que trabalhem com esse conteúdo em suas aulas. Para tal, após um mapeamento junto a 39 professores, foram selecionados 6 deles para entrevista, cujos dados estão sendo apreciados pela Análise de Conteúdo (MINAYO, 2001). Tal estudo vem trazendo um pequeno diagnóstico acerca da ginástica no contexto espacial apresentado, que pode vir a ser utilizado como subsídio para um planejamento político-pedagógico no desenvolvimento dessa prática.

Palavras-Chaves: Ginástica; Educação Física; Escola.

*GYMNASTIC AS CONTENT OF PHYSICAL EDUCATION CLASSES IN MUNICIPAL
SCHOOLS OF RIO GRANDE/RS*

ABSTRACT: This article aims to discuss the understandings that Physical Education teachers working in schools in the city of Rio Grande/RS has what is gymnastics, and analyze what makes working with this content in their classes. For that, after mapping among 39 teachers, 6 of them were selected for interview, whose data are being appreciated by Content Analysis (MINAYO, 2001). This study has brought about a small diagnostic exercise in spatial context presented, which can eventually be used as a basis for planning a political-pedagogical development of this practice.

Keywords: Gymnastics; Physical Education; School

¹ Acadêmica do 8º semestre Educação Física/FURG

² Professor do Instituto de Educação/FURG

*GIMNASIA COMO CONTEÚDO DE LAS CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA EN LA
ESCUELA MUNICIPAL DE RIO GRANDE / RS*

RESÚMEN: Este artículo tiene como objetivo discutir las concepciones que los profesores de Educación Física que trabajan en las escuelas de la ciudad de Rio Grande / RS tienen lo que es la gimnasia, y analizar lo que hace que trabajen con estos contenidos en sus clases. Con este fin, después de un mapeo entre los 39 profesores, 6 de ellos fueron seleccionados para la entrevista, cuyos datos están siendo apreciados por Análisis de Contenido (MINAYO, 2001). Este estudio ha dado lugar a un pequeño ejercicio de diagnóstico en el contexto espacial presentado, que eventualmente se puede utilizar como una base para la planificación de un desarrollo político-pedagógico de esta práctica.

Palabras-Claves: Gimnasia; Educación Física; Escuela

1 INTRODUÇÃO

A ginástica, segundo Paoliello (2011), apresenta cinco campos de atuação, sendo elas: as ginásticas de condicionamento físico, que tem por objetivo a aquisição ou manutenção da condição física do indivíduo; as ginásticas de competição, que reúnem todas as modalidades competitivas; as ginásticas fisioterápicas, que utilizam o exercício físico na prevenção ou tratamento de doenças; as ginásticas de conscientização corporal, que em maioria tiveram origem na busca da solução de problemas físicos e posturais; e as ginásticas de demonstração, tendo como representante a ginástica geral, com características não-competitivas e, como função principal, a interação social entre os participantes.

Tendo em vista esses diferentes campos de atuação e relacionando-os ao processo de formação de professores, no qual me encontro³, questiono-me constantemente quais destas ginásticas estariam presentes nas aulas de Educação Física Escolar. Entendo que, a atuação do professor de Educação Física não se restringe ao ambiente escolar, no entanto, foco minha preocupação nesse contexto, afora pelas questões vinculadas à experiência pessoal, pela diversa configuração que a ginástica pode assumir na sala de aula em termos de práticas, conteúdos e metodologias, além de querer entender especificamente o que é feito das ginásticas num local onde a Educação Física é obrigatória.

³ Ainda que o texto apresente uma autoria coletiva, a escrita em primeira pessoa respeita as relações com o tema e com o campo empírico estabelecido pela primeira autora do trabalho.

Lembrando o Coletivo de Autores (1992), a ginástica torna-se um conteúdo que deve estar presente nas escolas por sua relevância como parte da cultura corporal:

Pode-se entender a ginástica como uma forma particular de exercitação onde, com ou sem uso de aparelhos, abre-se a possibilidade de atividades que provocam valiosas experiências corporais, enriquecedoras da cultura corporal das crianças, em particular, e do homem, em geral (p.76).

As inquietações que me envolvem também são resultantes de debates durante a formação acadêmica, no transcorrer da disciplina de Ginásticas⁴, assim como a presença em outros espaços de formação como o Programa Institucional de Bolsa Iniciação a Docência (PIBID)⁵ no curso de Educação Física, o qual faço parte desde agosto de 2011. Nesses espaços, trouxe-me constante ansiedade a questão da presença e/ou ausência das ginásticas na Educação Física Escolar, principalmente enquanto conteúdo dessa disciplina.

No que tange ao PIBID, realizamos diversas atividades que envolvem a discussão e a experimentação docente da Educação Física na educação básica, além de estudos sobre as possibilidades de se trabalhar com as manifestações da cultura corporal, assim como métodos de ensino e perspectivas pedagógicas da Educação Física.

No que se refere à experimentação da docência no referido projeto, em companhia de um professor supervisor lotado na escola, enfrentamos situações em que temos que nos colocar como professores. Num primeiro momento, é feita uma observação do andamento das aulas dadas pelo professor da escola para, em seguida, planejar e executar algumas intervenções na forma de aulas, mantendo diários de campo e compartilhando as vivências com o grupo de bolsistas. Como professora, tentei inserir as ginásticas diversas vezes em minhas aulas, por ser um conteúdo que sentia grande afinidade pessoal, tendo sido praticante de Ginástica Artística (GA) durante oito anos.

Em determinada intervenção junto a uma turma de Educação Infantil, com crianças de 5-6 anos, a pedido da professora foram exercitadas atividades que envolvessem as danças. Durante as atividades, por várias vezes notei que algumas

⁴ Disciplina obrigatória do 4º semestre do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

⁵ O PIBID é um programa coordenado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) que visa inserir licenciandos no ambiente escolar, valorizando a formação de professores para a educação básica. Os bolsistas (acadêmicos de licenciaturas) experimentam a docência e debatem acerca de temas específicos de suas respectivas áreas na rede básica de ensino, sob a tutoria de professores das escolas que recebem o projeto.

crianças realizavam movimentos da ginástica muito próximos aos vistos na Ginástica Artística, como rolinhos, rodas e pontes, o que me incentivou a tentar levar a prática dessa modalidade para a turma. Em conversa rápida com a professora e com os alunos, foi proposto que os mesmos mostrassem movimentos que conheciam das ginásticas. Foi o momento da aula em que houve mais participação, pois alunas e alunos queriam mostrar exercícios que conseguiam executar e demonstravam grande interesse em aprender outros que eu apresentava para a turma. Durante aulas posteriores fui questionada sobre quando eles iriam “praticar ginástica” novamente.

A provocação de continuar “praticando ginástica” fez-me pensar sobre o entendimento que essa expressão tem no âmbito escolar, uma vez que a ginástica que os motivou a dizer isso, na verdade, pode ser considerado um esporte – Ginástica Artística. Seria esse um entendimento único, na escola, a respeito do que seria “praticar ginástica”? Ou este seria apenas um dos modos de percebê-la frente à vasta quantidade de modalidades gímnicas existentes? Se outras formas de trabalhar as ginásticas estão presentes na escola, pergunto-me porque as crianças realizaram apenas movimentos da GA quando incitadas a mostrar o que sabiam desse conteúdo? Seria, pois, a mais trabalhada nas escolas? Seria porque é a modalidade para a qual muitas escolas municipais de Rio Grande/RS estão voltadas frente à estrutura que receberam para tal?

Na última década, como parte de uma política de investimento da gestão municipal, algumas escolas de Rio Grande/RS receberam estrutura (ginásio esportivo com sala de ginástica) e aparelhamento (trave, tatame, trampolim, barra) para oportunizar o conhecimento e a prática da GA. Nesse sentido, pode-se questionar se isso não acabou tendo por efeito justamente o anúncio de que se deveria trabalhar com essa modalidade a partir da arquitetura disposta para a Educação Física (GONÇALVES; FRAGA, 2005).

Por outra via, pensando para além do entendimento que esse “praticar ginástica” pode produzir em termos do tipo ou modalidade que é trabalhada na escola, existe outro aspecto igualmente importante que dá conta de tentar perceber com qual(is) objetivo(s) estas ginásticas que acontecem nas aulas de Educação Física Escolar vem sendo propostas. Isto porque, ao longo do tempo, aquilo que se buscava através dela foi se modificando a partir de conjunturas sociais, culturais, econômicas e políticas de determinado período histórico.

É possível dizer que, bem como desde a antiguidade, “a ginástica contemporânea ainda permanece fortemente vinculada à conquista da saúde, orientando-se por uma visão limitada que restringe a compreensão de saúde a um corpo estritamente biológico” (AYOUB, 2007, p. 38).

Nesse universo, os Métodos Ginásticos Europeus, provindos do Movimento Ginástico Europeu, foram consistentes na execução do projeto de higienização e ordem social. Segundo Ayoub (2007, p.32), estes métodos “acentuavam finalidades comuns, como regenerar a raça, desenvolver a saúde, a coragem e a força para servir à pátria nas guerras e na indústria”, constituindo-se nos grandes parâmetros da ginástica na Educação Física Escolar no Brasil. O Método Francês, por exemplo, que visava trabalhar as qualidades físicas, psicológicas e morais, melhorando a espécie humana, foi o método oficialmente implantado nas escolas brasileiras, em 1921 através do decreto n. 14.784 (SOARES, 2004). Esta atitude acabou gerando críticas, por volta de 1929, da Associação Brasileira de Educação a respeito do país não ser capaz de implantar um método próprio (SOARES, 2004), o que fez com que o exercício ginástico, principalmente de ordem militar, passasse a ser referência para as aulas de Educação Física (AYOUB, 2007).

Por volta de 1940, um modelo de Educação Física esportivizado vai sendo processado no Brasil, o que faz com que a ginástica, gradativamente, fosse mais afastada do ambiente escolar, trazendo o esporte para o centro de campo. Mostrando essa esportivização que estava chegando em nossas escolas, Ayoub (2007) parte:

[...] da consideração de que a escola não existe de forma isolada na sociedade, esse movimento no interior da instituição escolar está associado ao movimento mais amplo de esportivização da cultura corporal, o qual encontra terreno fértil para o seu desenvolvimento na sociedade brasileira que vinha configurando-se no período após a II Guerra Mundial (p.80)

Nesse entendimento, a ginástica, que antes vinha com um discurso pedagógico de correção da deformação postural, dos vícios e da saúde, vai sendo substituída pela proposição do esporte como àquele que daria à eficiência desejada para um país ficar cada vez mais moderno. O esporte, considerado muito mais objetivo que a ginástica por seus atributos de especialização, cientifização, competição, quantificação, entre outros, traria resultados mais eficientes do que a ginástica, em que o nível de comparação se dava somente do indivíduo para com ele mesmo. São essas condições objetivas do

esporte – e não da ginástica – que acabam encontrando espaço em um novo projeto de modernidade, o qual toma por referência o modelo fabril (SCHNEIDER, 2004).

Tendo em vista que a ginástica, enquanto protagonista da Educação Física Escolar, principalmente na primeira metade do século XX, tinha como intuito acabar com os vícios da sociedade, melhorar a correção postural, a regeneração da raça, a educação do físico e da moral do povo, objetivando defender a pátria, pergunto-me o que é feita dessa ginástica hoje em dia nas escolas. Se um dia a ginástica foi utilizada para desenvolver o físico e a moral, o que a legitima hoje como prática escolar? Se um dia ela esteve a serviço da pátria por dar condições de produzir sujeitos fortes e robustos, ou ainda, cuidar da saúde da mulher para que pudesse parir os “filhos da pátria” saudáveis, colocando-a como imprescindível para uma prática higienista, o que será que está se fazendo dela atualmente, dentro das aulas de Educação Física no cotidiano escolar? Enfim, qual o entendimento e o tratamento dado a esse “praticar ginástica” por parte dos professores, levando em consideração os tipos de modalidades, os objetivos de sua prática e as maneiras com que ela é desenvolvida?

Sendo assim, este artigo tem como objetivo discutir os entendimentos que os professores de Educação Física de escolas municipais da cidade de Rio Grande tem do que é a ginástica, além de analisar o que faz com que trabalhem com esse conteúdo em suas aulas.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O primeiro movimento desta pesquisa se deu em visita a Secretaria Municipal de Educação (SMEd) da cidade do Rio Grande/RS, a fim de conseguir informações sobre a rede escolar. Em conversa com a coordenação pedagógica, foi possível obter uma listagem contendo os nomes das escolas, das respectivas direções, contatos telefônicos e endereços eletrônicos das mesmas e dos professores de Educação Física atuantes nos Anos Finais do Ensino Fundamental. O quadro demonstrou a existência de 63 escolas municipais em Rio Grande/RS, sendo que 33 eram urbanas, 20 rurais e 10 de Educação Infantil.

A partir disso, um primeiro recorte para a pesquisa foi sua delimitação nas escolas urbanas, uma vez que a Educação Física não é disciplina obrigatória na

Educação Infantil e, nas escolas rurais, além das dificuldades de acesso, levou-se em conta que, muitas vezes, possuem um funcionamento diferenciado das escolas urbanas⁶.

Trabalhando, portanto, com as 33 escolas urbanas, o passo seguinte foi a realização de contato (telefônico e/ou por *e-mail*) com os professores de Educação Física atuantes nessas escolas a fim de saber se as ginásticas eram trabalhadas por eles como conteúdo da Educação Física Escolar. Ao total, a lista apresentava um número de 46 professores – 20 homens e 26 mulheres –, sendo que destes, não foi possível localizar cinco professores, um estava afastado por motivos de saúde, e apenas uma optou por não participar da pesquisa. Durante o primeiro contato com os 39 professores participantes, foram feitos apenas dois questionamentos: “Você trabalha com ginásticas nas aulas de Educação Física?”; “Se sim, qual(is)?”. Nesse momento, a intenção foi deixar a cargo deles o entendimento de ginásticas, sem oferecer qualquer apontamento ou especificação a priori por parte do pesquisador.

Finalizada essa etapa, verificou-se que 27 professores – 9 homens e 18 mulheres – afirmaram trabalhar com algum tipo de ginástica. Em função do número elevado de retornos positivos, foi preciso estabelecer um critério para selecionar os professores aos quais seriam aplicadas entrevistas estruturadas⁷ que aprofundasse, dentre outros aspectos, o que consideram como ginástica e aquilo que os levam a ministrar esse conteúdo em suas aulas. Optou-se por eleger intencionalmente nove professores⁸ representativos por tipos de ginásticas mais citados durante o primeiro contato, que foram: ginástica artística, ginástica aeróbica, ginástica acrobática, ginástica rítmica desportiva, ginástica localizada, alongamento, circuito ginástico, ginástica formativa e lúdica.

Para o tratamento dos dados, foi utilizada a Análise de Conteúdo, em que “uma das técnicas mais comuns para se trabalhar os conteúdos é a que se volta para a elaboração de categorias” (MINAYO, 2001, p. 75), as quais são empregadas para estabelecer classificações. Sendo assim, “trabalhar com elas, significa agrupar

⁶ Este funcionamento se refere tanto à distribuição dos espaços físicos (os muros da escola urbana não aparecem de forma tão frequente nas escolas rurais; no que se refere à Educação Física, muitas vezes não há um lugar coberto para a realização das atividades); quanto à própria dinâmica da escola que acaba se adequando ao ritmo de trabalho do campo (horários diferenciados em épocas de colheita, por exemplo).

⁷ Segundo Negrine (2004), a forma estruturada da entrevista faz com que o entrevistador deixe o entrevistado “à vontade para responder sobre o que lhe é perguntado, se possível, sem interromper o relato, a não ser para formular a pergunta seguinte” (p.75).

⁸ Até o momento foram e entrevistados seis desses professores, os quais assinaram o Termo Consentimento Livre e Esclarecido, mantendo a não identificação de seus nomes.

elementos, ideias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso” (MINAYO, 2001, p. 70).

Na primeira etapa da Análise de Conteúdo, chamada de “pré-análise”, o material com as respostas dos professores foi organizado a partir dos blocos de perguntas. Na segunda etapa, chamada de “exploração do material”, foram acionadas análises das respostas com vistas à criação das categorias, finalizando com o movimento de “tratamento dos resultados obtidos e interpretação”, onde almejou-se explicar sobre o conteúdo subjacente ao que estava sendo manifesto pelas falas dos professores (MINAYO, 2001).

Neste trabalho, as categorias de análise emergiram das próprias respostas dos professores e organizadas levando em consideração, dois objetivos específicos: o que é considerado como ginásticas; o que faz com que elas sejam trabalhadas.

3 ANÁLISES E DISCUSSÕES

Em relação à primeira parte da pesquisa, é possível estabelecer um primeiro mapa a respeito da ginástica como conteúdo das aulas de Educação Física nos Anos Finais do Ensino Fundamental em escolas do município do Rio Grande. Esse mapa mostra que, dos 39 professores questionados, a maioria (27) sinalizou que algum tipo de ginástica integra sua prática pedagógica.

De certa forma, surpreende contar com um número elevado de professores com respostas positivas, visto que a ginástica não é tida como um conteúdo de ensino recorrente nas aulas de Educação Física Escolar. Tal consideração encontra eco em estudos como o de Almeida e Silva (2013) que, ao falarem da ginástica como conteúdo na escola, elencam alguns itens para a sua “fraca presença ou desaparecimento”, entre eles:

[...] a sua ligação com o militarismo e a ditadura; por ser considerada uma prática muito difícil de ser realizada pelos alunos, basicamente pela visão que se tem da Ginástica Artística e da Ginástica Rítmica, nas quais os movimentos são muitos técnicos e precisos; [...] pela falta de infraestrutura que uma aula de ginástica normalmente poderia exigir (p. 146).

Ainda sobre essa questão, Lisboa e Teixeira (2012) mencionam a própria “formação de professores que não contempla uma formação profissional que aborde as problemáticas das escolas” como outro motivo para “o franco processo de extinção da ginástica” (p.5-6) como um conhecimento pertinente às aulas de Educação Física Escolar. Em uma investigação proposta a analisar o estado da ginástica na escola a partir de alguns períodos nacionais da área da Educação Física assim como em um banco de teses⁹, os autores apontam para a incipiente produção do conhecimento encontrada. Dos 253 números de revistas pesquisados, foram localizados 51 artigos que tratassem das problemáticas da ginástica, sendo que destes, 11 especificamente no âmbito da escola.

Tal constatação parte do princípio de que é possível estabelecer relações entre os fatores implicados na (não) proposição da ginástica como conteúdo da Educação Física Escolar com a respectiva produção científica a respeito. Nesse curso, estudo semelhante feito por Matos *et al.* (2013), conclui que, diante de outros conteúdos de ensino, a ginástica aparece como a quarta mais abordada pelas produções acadêmicas da área¹⁰. Representando 11% do total analisado – 16 trabalhos –, a ginástica vem atrás de conteúdos como Esportes (29%), Jogos e Brincadeiras (22%) e Dança (17%), ficando à frente de Lutas (5%).

Retomando o mapa, um segundo elemento a ressaltar é a pluralidade de práticas ginásticas citadas pelo grupo de professores. Tal abrangência compreende desde modalidades como acrobática, rítmica, artística, aeróbica, geral, passando por alguns tipos como formativa, lúdica, recreativa, chegando a configurações em que se considera praticar ginástica, tais como corrida, saltos, circuito, preparação para desporto e trabalhos de força, flexibilidade.

⁹ Foram consultadas todas as edições, até 2011, das revistas Movimento, Motrivivência, Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Pensar a Prática e Motriz. O banco de teses consultado foi o da CAPES.

¹⁰ Na pesquisa citada, os autores utilizaram 146 artigos como *corpus* de análise, presentes em 14 periódicos pertinentes à área da Educação Física: Conexões, Corporis, Discorpo, Educativa, Kinesis, Motrivivência, Motriz, Movimento, Pensar a Prática, Perfil, Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Revista Brasileira de Ciências & Movimento, Revista de Educação Física da UEM e Revista Mineira de Educação Física.

No total, foram 24 diferentes formas de mencionar as práticas ginásticas utilizadas nas aulas, sendo mencionadas na seguinte proporção:

Tabela 1: Quadro demonstrativo que associa tipo de prática ginástica ao número de vezes que foi citada.

Prática Ginástica	Nº
Alongamento	7
Ginástica Artística	8
Circuito	5
Ginástica Localizada	4
Aquecimento	5
Ginástica Formativa	4
Ginástica Geral	3
Trabalhos de Força	4
Trabalhos de Flexibilidade	3
Ginástica Lúdica	2
Ginástica Aeróbica	2
Ginástica Rítmica Desportiva	2
Ginástica Escolar	2
Trabalhos de Resistência	1
Corrida	1
Ginástica Recreativa	1
Ginástica Acrobática	1
Estafeta	1
Trabalhos de Coordenação Motora	1
Corda	1

Como dito anteriormente, quando perguntado se trabalhava com ginástica nas aulas de Educação Física Escolar, não foi oferecida ao grupo de professores nenhuma definição a priori do que estávamos chamando de ginástica.

Nesse sentido, fez-se necessário inquiri-los em dois aspectos: sobre os entendimentos e sobre as motivações para se trabalhar com ela. Tais aspectos tinham por objetivo conhecer os referenciais que os permitem nomear aquilo que fazem, de ginástica. A partir das respostas fornecidas, formulamos duas categorias: preocupações fisiológicas e preocupações pedagógicas.

3.1 Preocupações Fisiológicas

Em relação ao primeiro aspecto observado, alguns professores entendem por ginástica todo movimento amplo realizado pelo corpo, que tenha alguma finalidade, e que desenvolva a musculatura em geral. A Professora Topázio¹¹ nos diz que:

“às vezes a gente acha que a ginástica é qualquer exercício, não, eu acho que a ginástica é qualquer atividade que trabalha os músculos especificamente”.

Já a Professora Esmeralda, traz as capacidades físicas e uma maior abrangência a essa noção de corpo movimentado pela ginástica:

“ginástica é um conjunto de todos os exercícios trabalhados, [...] que atue na formação corporal, na consciência corporal, nas qualidades físicas, ritmo, coordenação, força, flexibilidade, são todas as atividades. É uma atividade que engloba todas as outras também. Acho que não existe nenhum desporto sem a parte ginástica também”.

Na mesma linha, outros professores afirmam que é pelo seu vasto número de possibilidades que a ginástica consegue incorporar diferentes capacidades físicas:

“a ginástica em si, ela tem um grau de complexidade que eu entendo que é muito maior, que ela consegue incorporar música com força, com equilíbrio e também consegue ter tempo de coordenação” (Professor Ônix).

Diante desses entendimentos, um dos motivos mais evidentes que justificam o trabalho com ginástica para os professores que se preocupam com questões articuladas aos cuidados biofisiológicos está relacionado ao momento e à forma de introduzir esse

¹¹ Mantivemos o anonimato dos professores entrevistados utilizando nomes fictícios para os mesmos.

conteúdo no cotidiano escolar. Sendo a ginástica uma prática fundamental para o desenvolvimento das capacidades físicas, esses professores manifestam que sua presença deve ser a base de qualquer outra atividade.

“é primordial nas aulas. A parte inicial da aula que é um aquecimento, na ginástica mais específica e depois pra entrar na parte que eu quero. Trabalhar especificamente, antes disso tem essa parte formativa, da ginástica. [...] Eu acho que é a base, como conteúdo, é básico, a ginástica pra passar para outras coisas” (Professora Rubi).

3.2 Preocupações Pedagógicas

Nessa categoria encontram-se compreensões que tomam a ginástica também como forma de aquecer e exercitar o corpo, porém partindo de uma preocupação de variação dos conteúdos na Educação Física Escolar. Esses professores visualizam a ginástica como uma maneira de fazer com que os alunos se movimentem quando nada querem fazer nas aulas, tentando escapar um pouco das aulas dominadas pelo esporte ou ainda pela própria intencionalidade de ir além dele:

“é fazer com que eles se exercitem, com que eles trabalhem o corpo, com que eles se movimentem na escola, porque se eu deixar eles só querem jogar e jogar, e aqueles que não jogam não querem fazer nada, então alguma coisa eles tem que fazer” (Professora Cristal).

“acho que leva os alunos a conhecer uma educação física geral, né [...] Eles tem a visão de que a educação física é só o desporto. [...] A gente começa com a Educação Física a partir do sexto ano, então eles chegam e acham que vão jogar futebol e é a educação física, então a parte de conhecer a ginástica, de que a ginástica é uma disciplina da educação física, que a gente trabalha o corpo de maneira que não seja só o desporto, acho que esse é o grande foco pra mostrar que a ginástica está dentro da Educação Física, que é um conteúdo da Educação Física” (Professora Esmeralda).

Há professores que relatam que o material é um dos fatores que os faz proporem a ginástica, sendo um conteúdo facilmente acessível tanto pela farta disponibilidade contida nas escolas que atuam, quanto o inverso,

“porque eu acho que a gente não precisa muito de material” (Professora Ametista).

“é a ligação da escola que nos leva, a gente acaba fazendo ginástica na quadra, a gente traz o tatame, traz as coisas pra cá. Mas a gente tem a sala de ginástica, então vamos pra sala de ginástica. [...] Os conteúdos são vários e os materiais também, a gente acaba usando colchonete, usando elástico, então a gente acaba utilizando isso” (Professora Topázio).

Outro elemento salientado é a referência à capacidade de participação de todos os alunos quando se opta pelo conteúdo ginástico, diferenciando-se nesse aspecto, de outras atividades.

“eu acho que as vezes dependendo da turma que a gente tem, a gente consegue abranger bastante, porque eu acho que o desporto ele discrimina um pouco, embora a gente não usa o desporto na forma competitiva sempre, mas ele termina discriminando a pessoa que não gosta. E um exercício de ginástica, dependendo da forma que a gente vai usar, a ginástica todos fazem, então acho que é uma aula que todos participam, tantos os meninos quanto as meninas” (Professora Ametista).

Esse sentido de participação não é circunscrito a turmas regulares de ensino, alargando a discussão, como no relato abaixo, para pensar a ginástica dentro de um contexto de educação inclusiva.

“por exemplo, no futebol, a pessoa vai jogar e não tem as pernas, aí tu fica pensando, pô, mas ele não tem as pernas, mas a ginástica ele já pode fazer. Ah, a pessoa tem um problema específico no braço e não vai poder jogar vôlei, mas vai poder fazer ginástica, vai adaptando” (Professor Ônix).

4. CONCLUINDO

Tal estudo vem propondo a elaboração de um diagnóstico acerca da ginástica enquanto conteúdo nas aulas de Educação Física das escolas municipais de Rio Grande/RS. Sua importância revela-se não só na produção do conhecimento a partir do

que vem acontecendo com a ginástica no chão da escola, mas também na potencialidade de vir a ser utilizado como recurso para alimentar um planejamento político-pedagógico para o desenvolvimento dessa prática no contexto geográfico estudado.

Pontos como o entendimento dos professores acerca das ginásticas e o que os move para trabalhar com tal modalidade foram dois dos focos centrais deste trabalho. No primeiro ponto, aparecem duas vertentes: entendimentos oriundos de preocupações fisiológicas e preocupações pedagógicas.

Interessante ressaltar que os professores associam à prática ginástica uma maneira de não permitir que os alunos fiquem parados nas aulas, dizendo ser uma prática bastante completa por incluir o desenvolvimento de diversas capacidades físicas em seus movimentos. Além das argumentações vinculadas às preocupações fisiológicas, são levantadas também as de cunho pedagógico, no sentido de colocar a ginástica como contraponto ao esporte.

O grande número de materiais disponíveis nas escolas ou a possibilidade de se trabalhar com sua escassez foram pontos mencionados pelos próprios professores como fatores que os faz propor as ginásticas enquanto conteúdo. Essa questão está vinculada à própria abrangência de práticas que constitui o que compreendem por ginástica, envolvendo desde a especificidade de materiais da ginástica artística e rítmica desportiva, até a dispensabilidade deles quando está se tratando de alongamento, corrida ou estafeta.

Diante disso, a ginástica não pode ser vista enquanto conceito unitário, estando à mercê dos sentidos e significados criados por aqueles que a utilizam no cotidiano escolar. Tal polissemia, se por um lado, expande o que se entende por ginástica a ponto de se correr o risco de que tudo possa vir a sê-la, por outro, mostra a diversidade de referenciais conceituais que compõe a Educação Física, assim como o que se quer e se faz com ela.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ueberson Ribeiro; SILVA, Francielli Moreira da. A Produção de um material curricular de ginástica geral e seus efeitos na prática pedagógica de um professor de Educação Física Escolar. In: TOLEDO, Eliana de; SILVA, Paula Cristina da Costa (orgs.). **Democratizando o Ensino de Ginástica**: estudos e exemplos de sua implantação em diferentes contextos sociais. Várzea Paulista: Fontoura, 2013. p.141-170.

AYOUB, Eliana. **Ginástica Geral e Educação Física Escolar**. 2 Ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez Editora, 1992.

GONÇALVES, Vinicius Pauletti. FRAGA, Alex Branco. **A quadra e os cantos**: arquitetura de gênero nas práticas corporais escolares. EFDeportes – Revista digital, Buenos Aires, Ano 10, Nº 87, Agosto de 2005.

LISBOA, Núbia dos Santos; TEIXEIRA, David Romão. A Atualidade da Produção Científica sobre Ginástica Escolar no Brasil. **Conexões**, Campinas, v.10, n. Especial, p.1-9, dez 2012.

MATOS, Juliana Martins Cassani *et al.* A Produção Acadêmica sobre conteúdos de ensino na educação física escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v.19, n.02, p. 123-148, abr/jun 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto N.S. *et al.* **A Pesquisa Qualitativa na Educação Física**. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Sulina, 2004.

PAOLIELLO, Elizabeth. **O Universo da Ginástica**. Campinas, SP: FEF/UNICAMP, 2011.

SCHNEIDER, Omar. Entre a correção e a eficiência: mutações no significado da educação física nas décadas de 1930 e 1940 – um estudo a partir da revista Educação Physica. **Rev. Bras. de Cienc. do Esporte**, Campinas, v. 25, n.2, p. 39-54, jan. 2004.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação Física**: Raízes Europeias e Brasil. 3 Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.